

CONGRESSO ACADEMICO

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACTORES:

Alvaro Ottoni (Redactor-Chefe)—Rodrigo Costa (Redactor-Secretario)—Newton Burlamaqui (Redactor-Gerente)
Laudelino Baptista, Augusto Aristheu e Paulo Amaral

CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$000

Recife, 15 de Setembro de 1897

FORA DA CAPITAL

TRIMESTRE..... 2\$500

EXPEDIENTE

REDACÇÃO — RUA PAULINO CAMARA
N. 28. 2.º ANDAR

SUMMARIO:—*A Psychologia, seu lugar na hyerarchia das sciencias e seu methodo*, Cloyis Bevilacqua—*Pelo Espaço*, A. F. B.—*Sobre a independencia do poder judiciario*, Araujo Costa—*O Passionario*, Gonzaga de Arruda—*Rimas*, José Henrique—*Sobre si o direito commercial é de excepção ou autonomo*, Soriano de Albuquerque—*A Rosa*, Gervasio Fioravanti—*A embriaguez no direito penal*, Henrique Couto—*Uma noite de inverno*, Augusto Meira—*Visio*, A. Lima—*O Club Polytechnico*, Eurico Chaves—*Berço vasio*, Augusto Cavalcanti—*Venus*, Augusto Aristheu—*Chronica*.

CONGRESSO ACADEMICO

A psychologia, seu lugar na hyerarchia das sciencias e seu methodo

III

De todas as classificações apresentadas para dar á cada sciencia seu verdadeiro lugar na encyclopedia geral, tenho por melhor a de Augusto Comte. Si historicamente é possível contestar, em alguns pontos, a seriação conteana, acredito que, dogmaticamente, ella satisfaz ás exigencias do espirito e está de accordo com as necessidades de uma graduação systematica na aquisição dos conhecimentos, do geral para o particular, do simples para o complexo. Não me parece de pezo a critica feita por alguns á exclusão das sciencias concretas; porque todas estas se enquadram como dependencias da seriação abstracta.

Quanto á classificação de Spencer, tem para mim o defeito da obscuridade e da diffusão, que sou forçado a reconhecer, apesar de minhas sympathias pelo insigne philosopho inglez e que, particularmente no caso em questão, é um vicio capital. Além disso Bain e Littré deixaram evidenciado

que a classificação que Spencer procurava oppôr á de Comte não traduzia, de modo algum, a verdade objectiva dos factos. E Bain, deve ser notado, é inglez e não é positivista.

Mas da classificação hyerarchica de Augusto Comte devemos tirar a moral (1) que é uma sciencia de applicação ou, melhor, uma arte que está para a theoria scientifica da sociedade, para a sociologia como a hygiene para a biologia. Mas esta redução ainda não é sufficiente para que a classificação seriaria se pouha em completo accordo com a sciencia contemporanea. Os estudos que depois do grande reformador francez se fizeram no dominio da psychologia reclamam para esta um lugar entre a biologia e a sociologia. Sem um previo conhecimento da theoria scientifica da vida é impossível resolver os principaes problemas d'alma, pois que a alma não é mais do que um caso particular da vida animal, e, principalmente, da vida humana. Por seu turno a psychologia é de grande auxilio para a comprehensão de muitos phenomenos sociaes, como sejam o crime, a pena, as religiões, etc.

Estas simples considerações são sufficientes, parece-me, para determinar a posição da psychologia na serie encyclopedica das sciencias abstractas.

Cumpré indagar que methodo deve empregar a psychologia, si o methodo da contemplação introspectiva, que pode ser objectivo ou subjectivo, si o methodo objectivo da observação e da experiencia, si os dous conjunctamente.

A psychologia official, todos sabem, só conhecia um methodo, que era o da observação pela consciencia ou da observação interna. Mas quando nós comprehendemos a psychologia como uma physiologia do espirito, é claro que tal methodo não nos pode convir de um modo exclusivo.

Maudslay consubstanciou em poucas paginas as mais profundas objecções contra o methodo introspectivo. Nada de melhor poderei fazer no assumpto do que resumil-o.

(1) Vide Robinet—Phil. pos t. pags 79 e 80

1.º « Poucos individuos são capazes de seguir a successão dos phenomenos em seu espirito: esta introspecção exige uma peperação especial ».

2.º « Os que adquiriram o poder da introspecção não estão de accordo entre si » e é impossível descobrir o erro nesse terreno, porque cada qual appella para uma testemunha que só elle pode ouvir. Pondo mesmo de parte a mentira e a hypocrisia, quem nos dirá si um dos videntes é victima de uma illusão ou si todos se deixam influenciar por idéas preconcebidas. Qual o meio de verificar a verdade dessas asserções desenhonradas ?

3.º « Applicar a consciencia interiormente á observação de um estado particular do espirito quer dizer—isolar,—na mesma occasião esta actividade, despojal-a de suas relações e, portanto, falseal-a.

« Para observar sua propria maneira de agir, é preciso que o espirito cesse de agir; mas é justamente o curso de sua actividade que se trata de observar. Emquanto nós não podermos effectuar a suspensão necessaria para a auto-contemplação, nós é impossível seguir o curso da actividade, e, si a suspensão se effectúa, nada mais temos que observar, porque não ha mais consciencia, visto como ella se desperda sómente pela transição de um estado physico ou psychico á outro »

De tudo isto se deve concluir que a consciencia « não sómente nos fornece informações pouco dignas de fé, mas tambem é silenciosa sobre uma parte consideravel e importante de nossa actividade mental: ella só nos revela os estados de consciencia e não os estados de espirito ».

Mas não é só. Em vez de começar pelos factos simples e delles remontar aos mais complexos, o methodo introspectivo só é applicavel aos espiritos cultos e segue uma marcha inversa da sciencia: desce do mais complexo para o mais simples, desprezando completamente o estudo do espirito em suas phases inferiores que devera ser o ponto de partida de um methodo racional. Além disso, os phenomenos morbidos que nos são revelados pela pathologia do espirito são

desprezados pelos psychologos introspectionistas, quando é certo que elles fornecem um bom numero de informações utilissimas e «constituem verdadeiras experiencias, proprias para corrigir as generalisações falsas e para estabelecer os principios de uma sciencia realmente inductiva».

Finalmente as condições corporeas que são a base de toda manifestação mental escapam á consciencia, assim como tambem toda a esphera da acção mental inconsciente.

«A' toda manifestação da actividade mental corresponde uma alteração ou uma decomposição dos elementos nervosos, e é do estado do *substratum* material que deve depender o grau e o caracter da energia manifestada, isto é, do phenomeno psychico». Mas a psychologia official não presta attenção a estes phenomenos que têm uma influencia decisiva sobre a psyché humana, porque se reporta exclusivamente á consciencia que os ignora absolutamente.

Deveremos ainda insistir sobre o facto de que a consciencia localisa na periphéria as sensações que ella percebe, quando a observação physiologica demonstra que todas ellas têm logar no cerebro? (2) Deveremos recordar o phenomeno pathologico da duplicidade da consciencia?

Não, porque o que já ficou dito é prova segura da incerteza do juizo da consciencia sobre certos phenomenos, e de sua absoluta incompetencia sobre certos outros.

Mas isto não quer dizer que devemos de todo proscriver as informações da consciencia. Taes informações são indispensaveis, mesmo porque em certos dominios da psychologia sómente ella poderá fornecel-as. Devemos até conceder que ella seja o principal instrumento do psychologo; apenas convem premunirmo-nos contra a falsidade de suas affirmações, submettendo-a sempre á censura e á verificação da physiologia comparada. E' nesta operação verificadora que muito nos podem auxiliar as experiencias feitas sobre animaes de ordem inferior, o estudo das lesões innatas ou supervenientes que encontrarem os especialistas nos hospitaes e nas casas de alienados, as narrações dos viajantes relativamente aos sentimentos, affeições, moralidade e cognição dos selvagens.

«O verdadeiro methodo da psychologia, diz ainda Mandslay, consiste na reunião dos processos de investigação subjectiva e objectiva, ou antes em uma rigorosa applicação do ultimo illuminado pelas revelações do primeiro». Tal é o feliz hymeneu que nos promete uma vigorosa progenitura.

E' esta a verdade, porém mais explicito me parece Paulhan quando diz: «sendo psychologia a sciencia dos factos da consciencia, seria extranho que o estudo desses factos não occu-

(2) Henry Mandslay—*Physiologie de l'esprit*—trad. de l'anglais par Alex Hergen, Paris, 1879, pags. 15 e seguintes.

passse o primeiro logar e este exame só é possível por meio da consciencia. Os phenomenos physicos só têm importancia em psychologia pelos phenomenos psychicos de que são signaes e a experiencia mostra importancia dos resultados que a psychologia pode alcançar, mesmo sem os socorros da physiologia. Hume, o pai da psychologia moderna e Stuart Mil só consideraram os phenomenos psychologicos (3). Mas é da combinação discreta e criteriosa dos dados physiologicos com os psychologicos que resulta a *psychologia experimental*, que fez a fortuna dos livros de Taine, Bain e Wundt, direi tambem, embora este ultimo não se mostre muito sympathico ao methodo introspectivo.

CLOVIS BEVILAQUA.

Pelo espaço

E' ra uma estrada tortuosa, cheia de zig-zags. Os espinhos e as pedras do caminho dilaceravam-me os pés que sangravam. Tudo em redor mostrava-se sob uma claridade fosca e indeciza; não sei bem se era dia ou se era noite. Caminhava sempre sem me voltar... O horizonte transformou-se; e, em lugar da luz embaciada, eu apenas distinguia, defronte de mim, um nevoeiro intenso e forte, uma cerração completa! Quiz voltar; as arvores começaram a desprender-se do solo como se voassem; a gramma, os passaros, tudo que revestia a terra foi desaparecendo lentamente; eu olhava até sumirem-se todas as coisas no espaço como balãozinhos de papel; e lá daquellas, alturas eu os via vir cahindo espatifados; minha vista admirada os acompanhava até a terra onde eu os via reduzidos a cinzas. Afinal estava todo o espaço vazio, e eu tinha uma forte pressão sobre o peito. Em vão procurei gritar... Comecei a correr vertiginosamente, mas agora sob aquelle denso nevoeiro eu não via mais nada...

Apalpei de leve o solo, e notei que era terra fofa, humida e pegajosa. Tentei sondar-a com o braço, e senti-o sumir-se até o meio. Só muito a custo pude retirar-o. Ouvi um ruido de ebulição forte e aspero; prestei attenção e reconheci que vinha de sob a terra aquelle som, tive curiosidade de ver, de saber o que era, e no meio daquella escuridão medonha comecei a cavar o chão. Não sei como, me fui deslizando muito subtilmente pela terra a dentro. Sentia-me agora tão leve que tive duvida sobre a minha existencia real, passei as mãos pelo corpo para ver se o percebia, e tive a esquisita sensação de estar reduzida a uma coisa immaterial!...

Ouvi algumas vozes, e sempre curiosa aproximei-me para ver melhor. Nesse momento, um raio de luz tremula atravessou a caligem desvendando a meus olhos um extranho espectaculo. Que horror!.. Era o meu pobre corpo que iam levando, pallido, com uma expressão dolorosamente triste... Leve como fiquei, comecei tambem a voar!

(3) Paulhan—obr. cit.—pag. 13.

Era deliciosamente bom! Percorri distancias enormes, sempre encontrando um prazer infinito. E assim pensando, fui continuando alegremente a minha viagem, até que fatigada parei... no espaço, creio eu, porque não vi mais arvores, nem montes, nem passaros. Agora deitada sobre a correnteza de uma agoa azul, eu ia levada docemente, como um pequeno barco, ia direito, sempre em frente. Depois toda agoa desapareceu e eu fui afundando por uma especie de areia molhada, desci, desci tanto que me sentia cansada...

Cahi em uma região mal illuminada por uma claridade phosphorescente, que tinha clarões indefinidos, relampagos azulados que tremeluziam no meio daquelles brilhos incandescentes como coizas do outro mundo!

Era um cemiterio.

Vi uma ala de catacumbas abertas, onde as caveiras expediam, dos olhos e das bocas cheias de um riso sarcástico, chammas de fogo azulado, que as tornavam hediondas!... Senti um grande pezo no braço, era uma corôa de flores que eu levava para ornar o tumulo de meu pai. Não sei de onde, e nem desde quando a trazia. Ia collocal-a na sua sepultura quando a vi desaparecer. Evaporou-se de minhas mãos, onde eu via agora milhões de minuculas borbolêtas de todas as cores, formando camadas espessas sobre a catacumba. Depois tomavam formas de corôas e desapareciam... Afinal eu ia retirar-me e continuar a minha doce viagem pelos ares, quando, ao voltar-me, vejo na porta do cemiterio o meu corpo fora do caixão, com a mesma tristeza, acobrinhado, n'uma expessão compungidora... Doeu-me tanto vel-o assim tão pezaroso!... Retomando-o, levei-o sem destino. Um suor frio, gelado uma contração angustiosa me abalou profundamente. E então, no meio daquella luz debil, fosca, phosphorescente e esquisita, que nunca me deixava ver claramente, eu despertei...

Recife, 4 de Setembro de 1897.

A. F. B.

Sobre a independencia do poder judiciario

(Continuação)

As leis de organização judiciaria não devem descurar ainda de outras condições de grande importancia para a independencia do poder judiciario.

Importa muito o modo de fazer-se a nomeação dos juizes.

Os principaes systemas de investidura são os de *nomeação do poder executivo* e o de *eleição popular*.

Qual o melhor, qual deve ser preferido? Eis uma questão que tem tido solução pratica, mas que theoreticamente é bastante debatida. Si o poder judiciario emana directamente da soberania nacional, forçoso é convir que

a nomeação feita por outro poder seria a negação de sua independência, devendo ser preferida a escolha do soberano — o povo.

Entretanto a pratica de nosso paiz e a de quasi todas as nações cultas tem abraçado o primeiro systema, pois, as lições da experiencia tem dictado a abolição do systema electivo, do qual tem surtido exemplos bem frisantes de estar longe de preencher o fim almejado.

Na antiga Roma os magistrados eram eleitos e esta desgraçada pratica foi de consequencias desastrosas: combinada com outras cooperou fortemente para a subversão dos costumes e implicitamente para anarchia do paiz.

Nos Estados Unidos, cujo direito publico nos tem servido de modelo, a eleição dos magistrados ou juizes, expressão que hoje se confundem, tem sido adoptada, parece-me, sem discrepância de um só Estado; é principio corrente entre elles que sendo a função de julgar emanação da soberania, aquelles que a exercem só della devem depender. Mas, fala ainda a experiencia de todos os dias, a organização da magistratura estadual americana é bem pouco invejavel.

Ao passo que os tribunales federaes, alli, moldados sob o outro systema, sabem manter sua independência de acção, os dos Estados federados respeitam as conveniencias politicas, tornando-se muitas vezes escravos das paixões partidarias.

E não é só isto. A prevalecer a vontade do povo os juizes não devem ser perpetuos; a justiça não será abrigada do medo, valerá a vontade do forte contra o fraco, desapparecendo assim o que se tem como alvo — a independência do respectivo poder.

O systema de nomeação pelo chefe do executivo muito ao contrario, permite assegurar-se melhor a independência dos juizes e por consequente das funções de julgar; estes respirando mais livremente, sem temer as agitações de uma pesada atmosphera politica, poderão sobre todas as cabeças descarregar o gladio da justiça.

Foi abeberado destas mesmas idéas, inspirado por estas mesmas razões que tem força de principios que o projecto da constituição do governo provisório *ad referendum* do Congresso, disputava terminantemente «Não será electiva a magistratura»

Esta clausula não foi incluída na constituição, mas o principio que consagrava, vivamente implantado no animo do legislador, continúa a prevalecer, e, queremos crer, prevalecerá sempre e melhor que muitas leis positivas. A investidura por meio da escolha popular, absoluta desvirtuação das doutrinas de Themis, ainda não encontram echo em nenhum dos Estados da União brasileira.

As nomeações, porém, não devem ser feitas discrecionariamente; tem se procurado n'esta materia coarctar o arbitrio do executivo, respeitando-se de algum modo a soberania da nação. E'

assim que a nomeação dos membros do Supremo Tribunal Federal, feita pelo presidente da Republica, depende da approvação do Senado. Em alguns Estados se tem admittido concurso previo para o exercicio da magistratura, um excellente meio de apurar a illustração e o talento, e não se poderá negar que o juiz illustrado melhor que o ignorante, sabe comprehender a necessidade de sua independência; elle mais facilmente é sacerdote que profanador do sagrado templo da justiça.

Os vencimentos dos magistrados que devem corresponder á saliencia de sua posição, devem ser fixados por lei e nunca estar sob a dependencia dos governos; estes, muitas vezes arrastados pelas necessidades de momento, como complicação das finanças, podendo diminuir-os, creariam, deste modo, um empecilho á independência do Juiz, que sempre deve prescindir de favores dos Justicados.

A este respeito, como sobre muitos pontos mais, é excellente modelo, é quasi inimitavel a magistratura da Inglaterra; os juizes, que são em pequeno numero, são da melhor forma remunerados, e sabem pesar sabiamente a balança da Justiça.

As promoções também podem influir muito sobre a independência dos Juizes; é preciso que a lei garanta-as, creando assim um incentivo para os julgadores. Elles, estimulados por este meio maior apreço darão aos lugares, que occupam, procurando nunca desmerecer os creditos de delegados da nação.

Entre nós, as leis não descurando completamente esta garantia, nem sempre a tem estabelecido de um modo coherente e justo.

Tenha se em vista este Estado e ver-se-á então a verdade do que asserveramos. As leis vigentes até agora em Pernambuco determinam o accesso por antiguidade, devendo ser preferido para o Superior Tribunal aquelle que primeiro foi juiz, o que foi bem comprehendido pelo legislador. Pelo concurso a que se submetteram os Juizes têm elles em seu favor a presumpção de serem homens de illustração; e pelo maior lapso de tempo no exercicio de suas funções, por mais effectos em distribuir justiça, a outra presumpção: o mais antigo é sempre o mais apto. Entretanto o congresso legislativo tenta acabar tão importante medida e impreterivelmente pol-a-á por terra augmentando o arbitrio do poder executivo, na escolha dos que devem servir naquella tribunal.

Quanto ás promoções de municipios ou entrancias inferiores para superiores o defeito é igualmente deploravel. Estados ha onde já elevaram comarcas de infima classe a cathogoria de entrancias superiores, ao que parece, para dar vasa ás paixões de partidos.

As leis nunca devem esquecer a incompatibilidade na magistratura.

Esta condição é de grande força e desde que não fôr estabelecida a independência do poder judiciario não passará de uma theoria impraticavel.

O magistrado tem a nobre missão de justiça, na conformidade da lei e da equidade e sem ultrapassar suas raias, é preciso, pois se desviar de tudo que pode desnorteal-o, dos odios, paixões e lutas da administração.

Aqui vale ainda citar Pimenta Bueno: «Além de que convém que elle seja sempre imparcial, sem odios nem alianças politicas, accresce que o processo administrativo, sua sujeição ao ministerio, o amor do poder discrecionario geram no espirito do magistrado modificações que não são as mais conformes e characteristics do Julgador.» Com effecto por mais severo que elle seja no cumprimento de seu dever, por mais implacavel na interpretação e applicação da lei, mesmo tendo feito justiça não escaparia ás desconfianças dos partidos politicos e das partes, que se julgam prejudicados com assentenças, que pronunciam.

ARAUJO COSTA.

O Passionario

Ha poucos dias nasceu para o publico legente mais um livro, filho nitente e vigoroso da robusta intelligencia de Theotônio Freire, fecundada constantemente pelo estudo. Está inscripto no registro da litteratura com o nome de *Passionario*, e breve ha de receber o baptismo da critica sensata e imparcial, que lhe abrirá as portas do céu das letras, onde, como uma estrella prefulgente, brilhará com os reverberos do talento de seu progenitor.

O novo filho intellectual do conhecido litterato pernambucano tem em contrario no seio da imprensa criteriosa um berço macio e perfumado de carinhos; multiplicado em mil pelo prodigio do invento de Guttemberg, conservando-se integra a sua personalidade, elle está sendo animado nos regaços de todas as intelligencias avidas de conhecerem os livros recém-nascidos.

Conversei dous dias, durante algumas horas, com o *Passionario*, creança judiciosa e instruída, envolvida nas ricas faixas de um estylo primoroso, que retribuiu os afagos de minha intelligencia com sorrisos de imagens vividas e bellas, com beijos de descrições amenas e expressivas, enleando-me delicadamente o espirito nas malhas de uma historia realista, impressionadora e divertida.

Agradou-me immenso a leitura do livro com que o afamado poeta estreitou no campo do naturalismo. Foi, effectivamente, uma estréa — conquista. O *Passionario* é uma sibylla que as auctor prophetiza muitas outras victorias.

Vou fazer um ligeiro resumo da obra:

Arthur de Lacerda e Lucia são os dous protogonistas do romance, aquelle o typo do amor — materia e esta a encarnação do amor — alma.

Arthur, em obediência ás condições physiologicas de seu temperamento e ás condições mesologicas de uma convivencia perniciososa e deletéria, apaixonou-se bestialmente por Lucia, costureira e orphã de pae e mãe, que lhe corresponde com um d'esses amores puros e serenos, em que as flores da alma narcotizam com seus olores immaculados a fera louca e cega da carne.

A moça era de origem obscura e pobre e talvez por isto mesmo d'uma admiravel pureza de coração e d'alma, inteiramente leiga em namoros, dos quaes a afastaram sempre a austeridade de principios de seu pae e a severidade de costumes de sua mãe. Era dotada egualmente d'um orgulho enobrecedor, d'esses que superiorizam sempre aquelles que o possuem.

Lucia, blindada assim pela natureza e pela educação, sabe fugir a todas as ciladas de Arthur; refugiada no castello inexpugnável de sua castidade activa e nobre e de seu amor casto e puro, defende-se vantajosamente contra todos os ataques da lascivia do moço, que a desejava materialmente, entregue ao dominio de uma paixão estupidamente carnal.

Arthur, desesperado por não conseguir cevar seus desejos, entrega-se inteiramente ao sulfão do vicio, que governa arbitrariamente todo o seu eu. Representa todos os papeis indecentes na revista real da devassidão, do jogo e da embriaguez. Suppõe assim vingar-se de Lucia, a qual elle espera ver cahir em seus braços e depois nos da prostituição, aguilhoada pelo desejo e instigada pelo hysterismo.

A costureira, por sua vez, procura tomar uma vingança, mas uma vingança compativel com a incomensurabilidade de sua altivez e de seu amor. Cultiva seu espirito, acrisola seus sentimentos, educa-se no atrito social, assimilando os modos, a linguagem e a distincção das familias mais importantes cujas portas ella abre delicadamente com a sua thesoureira e agulha amestradas. A' proporção que o poderoso ariete de sua força de vontade vae derrubando a barreira social que se interpõe entra ella e o seu amado, a moça alimenta no coração a lampada do amor com o oleo verde da esperanza, rejubila-se com todos os desvarios de Arthur e espera o dia em que elle, nauseado de todos os vicios, regenerado, venha implorar o seu amor para santifical-o e legitimal-o com o casamento.

Realiza-se o que ella prevê. Arthur é vencido pela moça. O batel de seu deboche, vogando sem bussola nem norte pelo mar das paixões, esmigalha-se de encontro ao rochedo do orgulho e do amor de Lucia. E então iniciam ambos a vida serena do lar, sob a umbella refulgente d'um amor casto e eterno.

Por essa ligeira synopse vê-se que o auctor faz a apothose do casamento feito pelo amor (hoje rarissimo), em que se dá a perfeita fusão de duas almas, o enlaçamento de dous espiritos

que se attrahem, a reunião de dous corações que se encarnam um no outro, determinando o brilho simultaneo dos sorrisos de duas boccas no mesmo céu de venturas e a confusão das lagrimas de quatro olhos na mesma taça d'amar-guras. Elle celebra a preponderancia da vontade sobre a materia, o triumpho do amor sobre a paixão; mais que tudo, sublima a mulher, elevando-a a um pedestal de virtudes, collocando-a n'um throno de sentimentos, onde faz realçar a sua influencia prestigiosa, regeneradora n'um organismo individual e portanto no organismo social.

Basta isso para infiltrar nos espiritos imbuídos de preconceitos contra os romances naturalisticos o desejo de ler o *Passionario*, romance que, sobre ser recreativo, não pode deixar de ser classificado, quanto ao fundo, de moralizador e instructivo. Convido esses medrosos de uma peste imaginaria a deixarem por algumas horas a leitura dos livros da eschola romantica, nos quaes se encontram personagens phantasticos, incongruentes e contradictorios com as suas tendencias naturaes, com a educação que receberam e com o meio em que vivem; incito-os a interromperem a leitura d'esses livros para lerem romances como o *Passionario*, em que se aprecia a analyse de caracteres cujos actos se conciliam respectivamente com a organização moral e physica de cadaum, em que se vê a acção desenrolar-se natural e coherentemente, e se reproduzirem com muita nitidez scenas da vida real.

Os naturalistas exagerados, os anthropologos extremados acharão alguns senões na recente obra de Theotonio Freire. Esses, que querem fazer a vontade dependente da physiologia, tornando-a uma função organica, puramente animal, talvez julguem, entre outras cousas, impossivel a regeneração de Arthur, cuja vontade devia ser eternamente um automato da degenerescencia oriunda de um bisavô paterno. Não de reputar a virtude de uma mulher inefficaz para quebrar e substituir pela rosea lapide do amor a ingenua lonsa négra do tumulto da vontade de um homem, á qual se superpuzeram, por largo espaço de tempo, os marmores de todos os vicios. Buscarão... talvez... vigorizar seus juizos com as proprias palavras do auctor, quando *este diz* que «a instrucção de Lucia era criação de sua vontade, embora resultasse de seu orgulho», e quando *pelo cerebro de Arthur pensa* «na fatalidade dos acontecimentos, n'um *quid* obscuro que ha sempre n'uma existencia e que jámais se explica».

Mas a esses se poderá objectar com um argumento que deverá satisfazel-os plenamente, acorrentando-os ao mutismo. Eil-o:

A bala mortifera e fecunda que Arthur recebeu matou-lhe o microbio da degenerescencia e inoculou-lhe o germen da regeneração, produzindo-lhe grande commoção em todo o organis-

mo, determinando-lhe molestia grave e longa, que o extenuou e lhe exaurio todo o sangue vulcanico da lascivia.

Ainda se poderá dizer (mas talvez isto não lhes sirva, porque dirão que sobre Arthur a lei do atavismo actuou, desde a sua infancia, pelo lado paterno) que Arthur teve como avô materno um homem distincto por seu talento e por sua phylantropia, e, sendo assim, elle deveria ter em si as sementes dos bons sentimentos, que não germinaram logo por faltar-lhes um ambiente moral puro e oxigenado. E' verdade que Arthur, logo no curso primario, revelou-se máu e egoista, rejubilando-se com o castigo dos collegas que elle proprio provocava com intrigas; mas todos sabem que na infancia predomina o instincto, e d'ahi a eclosão d'esses máus sentimentos, que não se teriam alastrado, revestindo novas modalidades variaveis com a progressão da idade, si a agua santa de uma bôa educação houvesse apagado esse incendio incipiente, e si o rapaz não estivesse constantemente exposto á lei do contagio, gravitando n'um circulo de lama e pús.

Entretanto são dispensaveis todas essas objecções, em virtude do modo por que o *auctor considera a vontade*, deprehendido do ultimo dialogo entre os dous protogonistas do romance. E assim aos positivistas sociologos, aos deterministas moderados, áquelles que não escravisaõ a volição simplesmente á physiologia, vinculando-a, não-obstante, sempre a um motivo, a uma causa psychologica, á influencia do meio, etc, a esses não parecerá o romance de T. Freire ter os defeitos que os outros poderão encontrar.

Eu sou livre-arbitrista, mas para ler qualquer obra, na qual não tenho a pretensão nem a velleidade de rever a imagem de meu modo de pensar e de sentir, alijo as theorias que a sciencia moderna taxa de caducas e mofadas; por isto confesso que recebi excellentem impressão, vendo um homem regenerado pela força de vontade, embora essa vontade houvesse sido despertada e dirigida pela suggestão de um amor puro, pelo exemplo de uma mulher superior (que conseguiu transformar-se inteiramente em dous annos, educando-se e instruindo-se em linguas e sciencias!). Confesso apenas que achei o typo de Lucia, sob diversos aspectos, excepçional, extraordinario para o nosso meio.

O talento descriptivo de Freire não dissente de seu talento *inventivo*, talvez o sobrepuje até. Lendo as suas descrições, parece-nos que as lettras se deslocam do papel, crescem assumindo a forma e o corpo das pessoas e dos objectos que representam e movem se objectivando-se, representando realmente todas as scenas e peripecias descriptas. O observador perspicaz, gravando em *scripta*, com maestria inexcédível, tudo o que recolhe na vida real, faz experimentar essa illusão a todo aquelle que se absorver na leitura de seus quadros. Foi o que

seu ao ler as descripções do samba da travessa dos Coqueiros, do Carnaval, do baile dos Fenianos e outras eguaes, feitas com muita naturalidade e viveza de côres.

Revela-se tambem opulenta e fertil a imaginação do auctor. O sonho que Arthur teve depois do fracasso de seu assedio á honra de Lucia, o seu devaneio de allucinado na Lingueta debaixo das arvores, offerecem aos espiritos fatigados e aborridos de leituras pesadas repouso suave n'uma rêde velludinea, tenuissima, entretecida de fios aureos, azues e verdes, entremejada de flores exquisitas e olorosas.

Quanto aos dialogos, de que aliás é pobre o romance, salientam-se o ultimo, a que já alludi, e o que os dous moços sustentaram em Caxangá, na casa da mãe de Arthur, não menos interessante e palpitante de vida do que aquelle.

Em vista de tudo isso fica explicada a razão por que a estrêa de Freire se me afigura uma estrêa conquista.

Não quiz fazer uma critica, pois para tal me fallecem todos os requisitos; os criticos, os competentes que o façam, consagrando o producto intellectual de Freire, como bem o merece.

O que ahi fica não é mais do que a corporificação sincera e espontanea de tudo quanto experimentei de delicioso e bom ao ler o novo romance: posso affirmar que quem escreveu todas essas linhas foi a impressão suavemente intensa e viva que me vasou n'alma a leitura do *Passionario*.

GONZAGA D'ARRUDA.

Rimas

Da primavéra entre os festins, querida,
senti ontr'ora a viva luz brilhando,
quando entraste em meu lar ermo de vida,
cantando...

Quantas vezes teu labio palpitante
roubou-me ás sombras vis da solidão,
e trouxe-me o calor de um scintillante
verão!

Longe um dia de ti, os dissabores
foram longos nas horas de abandono;
desfolhaste saudades como as flores
no outomno...

Mas hoje, com que acerbas ironias
vives a rir de meu pezar eterno!
Trazes n'alma, querida, as noites frias
de inverno...

JOSÉ HENRIQUE.

Sobre se o direito commercial é de excepção ou autonomo

A funcção juridica dos factos commerciaes, emquanto não moldou-se as influencias de uma conscienciosa manifes-

tação positiva, cuja necessidade entretanto se fazia sentir, atravessou seculos em completo mixto com o direito civil. As condicções sociaes, tardiamente embora, condensaram o espirito de constituição inteiramente livre do direito commercial que é como que uma eclosão d'essa chrysalida das normas civis.

Delineamento das cathgorias juridicas das ordens relacionaes de nossa actividade, á respeito de suas notas especificas, quando n'uma athmosfera de civilisação adeantada se desenvolviam as relações humanas, é de consecução lenta e difficil por causa das multipas affinidades existentes entre ellas, explica a razão historica das dependencias sugidas entre o direito civil e commercial. Por isso Vidari, sobre este assumpto, diz: « se l'opera di separazione dall'una categoria di diritti fu lenta e difficile, e non é compieta pure oggidi; piú lenta e difficile, de gran tratto e piú incompleta fu ed é quella che tende a separar eil diritto commerciale dal diritto civile »

Ha, pois, um fundamento juridico essencialmente commum para as relações commerciaes e civis, o que não importa, porem, na inadmissibilidade de terem escopos diversos. Estes dois direitos são ramos da mesma arvore juridica que na natureza humana tem, como condicções de vida, a mesma seiva. E tendo elles a origem em commum é natural que isto se reflicta sobre as suas applicações,

Neste sentido é que Marghieri chama o direito commercial um presupposto do direito civil. O tractado das pessoas, das couzas e obrigações no direito commercial presupõe o do direito civil, isto é, uma noção já completa e determinada das pessoas e seus direitos; das couzas e suas categorias; das obrigações e dos seus principios directivos referentes as classificações, dos effeitos e modos de extineção.

D'ahi não se conclue que a attitude assumida pelo direito commercial a respeito do direito civil, fal-o desenvolver-se como um simples desvio juridico e que o transforma por consequencia n'um direito de excepção.

Cada um d'estes direitos rege relações da actividade humana completamente differentes e como presumir-se relações entre elles?

Na ordem dos factos ninguem mais confunde as physionomias de ambos os direitos; na orden juridica é consequencia immediata, o admittir-se para o direito commercial uma esphera de acção incontestavelmente autonomo.

A questão hoje, diz Vidari, não tem mais do que uma importancia doutrinal.

Modernamente a maior parte das legislações aceitam como fonte do direito commere al na falta das normas legaes, os usos de preferencia a ser invocado o auxilio do direito civil.

Incontestavelmente se o direito commercial fosse de excepção viriam em primeiro lugar as normas civis, mas esta preponderancia dos usos desfaz as

sombras de incertesa que pairam sobre a sua manifestação autonomica.

« Ivi é automato e nêlimate che la natura delle cose coordinata allo svolgimento del diritto gli hanno assegnato » diz Marghieri.

Antes do termino d'estas considerações, vejamos em synthese os actos que abrangem a vida d'esses dois direitos no que referem-se as respectivas differenças que dão lugar a diversas consequencias juridicas.

Os actos da vida civil são mais raros e submettidos á exigencia de formalidades, ao passo que os da vida commercial caracterizam-se pela frequencia, pela simplicidade de formas que assumem. Estas e muitas outras rasões, como muito bem considera Supino, servem apenas para patentear a necessidade de normas especiaes para as relações commerciaes e não justificam entretanto a existencia do direito commercial como um direito independente do direito civil. Todavia esta independencia subsiste porque se funda na propria natureza do commercio e das relações a que dá lugar. Estudando-as Goldschmidt diz que « o direito commercial tem um caracter de universalidade incompatível com o caracter têrritorial do direito civil » (1) As relações de direito commercial não restringem-se a uma associação politica, abrangem sociedades completamente diversas. As relações civis, ao contrario, moldam-se ás influencias politicas, tradicionaes, psychologicas, religiosas etc.

No direito commercial esta evulsão de influencias particulares constitue a sua grande aspiração cosmopolita cuja realisação, é força confessal-o, só poderá eclodir em previlegiado estadio de civilisação, sob as irradiações da grande paz, como esses nelumbos que só no lume d'agua, abrem-se em florações, sob a luz triumphal do sol.

Esta sua emancipação do sobordnamento do direito civil ja é um passo dado.

E afinal, como diz Goldschmidt, a hodierna autonomia do direito commercial constitue uma condicção favoravel para o seu progresso.

SORIANO D'ALBUQUERQUE,

A Rosa

INEDITO

Essa criança cujo p's faceiro
Indifferente esmaga-me passando,
Essa por cujo amor vivo sonhando
Como um poeta ou um triste prisioneiro;

Que sorri, se me avista, e o dia inteiro
Quando eu a avisto fico meditando
Nesse riso infantil, tão feiticeiro,
Que o desdem de seus pé·vae mitigando;

Tem como a rosa a sorte malfazeja
De nem saber do encanto que resume.
De nem saber se fere a quem a beija;

Junto do espinho traz o seu perfume
E (ou seja o della ou o meu destino seja)
Vive de amor e mata de ciúme.

GERVASI FIORAVANTI

(1) Citado por *Vicanti*

A embriaguez no Direito Penal

Em sessão ordinaria do Congresso Academico, tive occasião de dissertar sobre a imputabilidade do ebrio, apreciando os diversos periodos d'este estado pathologico. Voltando a occupar-me do assumpto, procurarei resumir o que então expuz.

A primeira questão que se levanta é a de adagar si a embriaguez em si mesma acarreta ou não a punição independentemente da pratica de um facto delictuoso. Ha quem responda pela affirmativa e de modo absoluto. Argumentam os que assim pensam que, constituindo a embriaguez uma chaga, uma verdadeira macula social, cabe aos Codigos o dever de reprimil-a e de nenhum modo perdoal-a, e muito menos, consideral-a, quando acompanhada de um crime, circumstancia attenuante. Ainda accrescentam que, sendo ella resultante de um facto voluntario e querido pelo individuo, que bem conhece os seus effeitos damnosos, não pôde ser equiparada, por exemplo, á loucura, estado morbido que se manifesta por uma causa alheia á vontade individual.

E' natural que uma theoria mais humanitaria e mais consentanea com os principios scientificos tenha tido predominancia sobre aquella, recebendo a sua consagração nos Codigos dos povos cultos.

Não ha quem ignore que a embriaguez é um mal de consequencias funestas, um elemento corrosivo que seria bom extirpar do ambiente social; mas, por mais combinados e energicos que sejam os esforços empregados, impossivel tornar-se-á soterral-a, visto como a diversidade de habitantes de um paiz qualquer não pôde apresentar uma norma uniforme de proceder, e os factores ethnicos e moraes hão de predominar na psyché de cada um, de maneira a fazel-os obedecer aos seus impulsos, ás inclinações que instinctivamente lhes brotarão. O individuo que não cultiva o seu espirito, que desconhece as regras da moral e as leis de seu paiz, tudo ignorando e vivendo em uma athmosphera cujo valor não pôde aquilatar, nenhuma repugnancia sentirá em entregar-se aos excessos da licenciosidade e dos vicios de qualquer sorte, pois que elle de homem pôde ter a forma, mas moralmente não é mais do que um animal que nem sempre conseguirá adaptar-se ás condições mesologicas. E' exacto que o elemento ethnico, como diz o Dr. Nina Rodrigues, tem sido abandonado pelos legisladores, de modo a presenciarmos o ridiculo espectaculo de um branco gozar da mesma imputabilidade que um selvagem!

Além d'esta classe de individuos, que não é pequena, existe ainda a d'aquelles que, fazendo um uso continuado das bebidas alcoolicas, vêm a soffrer de alienação mental, implicando assim a isenção da responsabilidade.

A falsidade e a iniquidade da doutrina a que nos referimos ressaltam á

primeira vista, podendo achar guarda somente entre aquelles que desconhecem o sentimento de piedade, tão bellamente proclamado por Gárfalo. Seria effectivamente de uma tyrannia inquisitorial applicar-se indistinctamente penas aos alcoolicos, sem um prévio exame do seu estado de intoxicção. Assim foi que procurou-se estudar o problema de modo mais consciencioso, colhendo os resultados que a sciencia podia proporcionar.

Não se pôde contestar que, não obstante ser a embriaguez um facto voluntario, aquelle que se acha em tal estado, tem quasi sempre as facultades alteradas mais ou menos profundamente. E' justo, pois, dar-lhe uma responsabilidade igual á d'aquelle que tem o exercicio pleno das facultades psychicas? Somente em uma ideal sociedade de selecção, a theoria em questão tornar-se-ia talvez applicavel; nas sociedades de existencia real, ella se converte em verdadeiro paradoxo. E tanto é assim que, punida como delicto ou contravenção, a embriaguez é quasi sempre uma circumstancia attenuante nos crimes executados em tal estado.

Legrand du Saulle notavel alienista francez, com a sua autoridade incontestavel, judiciosamente estabelece que, para avaliar-se a responsabilidade na embriaguez, faz-se preciso classificar-a em tres periodos, de acôrdo com os estygmias apresentados em cada um d'elles. No primeiro periodo, que elle denomina — de embriaguez alegre, a responsabilidade mantém-se inalteravel, porque o individuo tem discernimento completo. No segundo periodo — da embriaguez furiosa, desaparece a responsabilidade penal, em virtude das modificações radicaes então manifestadas. No terceiro e ultimo periodo — da embriaguez comatosa, não se discute mais a irresponsabilidade, geralmente acceta, porque o ebrio quasi que não existe, tal é o estado de privação dos sentidos.

Tambem não é sem interesse consultar o professor Garrand, da Faculdade de Lyon, que, tomando por base a legislação franceza, fornece um estudo digno dos seus conhecimentos. Distinguindo a embriaguez em completa, procurada e incompleta, diz este criminalista que a primeira tem effeitos comparaveis aos da demencia, apagando inteiramente a consciencia do bem e do mal. N'estas condições, o individuo é irreponsavel sob o ponto de vista da penalidade, si ficar provada a sua insciencia em attingir a tal estado; constituindo, porém, por si mesma um delicto, si ella é voluntaria.

A segunda fórmula nada deve alterar a applicação da pena. O autor citado julga simplesmente theorica a distincção entre os delictos em que é essencial a intenção criminosa, como o roubo, a falsificação, etc., e aquelles em que tal intenção faz augmentar ou diminuir a culpabilidade, como o homicidio, ferimentos, etc., distincção

feita por muitos autores para considerar os que incorrem n'esta ultima especie somente passíveis da pena estabelecida para os casos em que não houver a intenção criminosa.

A terceira fórmula não pôde ser uma dirimente da responsabilidade. Cabe aos juizes tomar em conta a dupla circumstancia que se dá quando a embriaguez incompleta é o resultado de um habito vicioso, de uma imprudencia ou de uma premeditação, tornando-se assim — por um lado uma aggravante por ser a consequencia de uma falta mais ou menos grave: por outro lado — quando a embriaguez é accidental — uma attenuante, porque de certo modo enfraquece as facultades mentaes.

Penso que a embriaguez não deve acarretar a irresponsabilidade sinão em casos restrictos. Cumprindo aos representantes do poder publico velar tanto quanto possivel pela observancia integral das leis sob sua guarda, impõe-se-lhes o dever de reprimir tudo o que estiver em antagonismo com aquellas normas, para cujo objectivo dispõem de elementos coercitivos. Assim a embriaguez, que colloca o individuo em estados em que aquella observação é impossivel, taes são as suas alterações psychologicas, não deve ficar completamente impune. Ella, além de rebaixar o character do cidadão, de prival-o do pudor e dos mais sentimentos que formam a sua reputação na sociedade, é um dos factores mais energicos de degenerescencia, como nos têm patenteado as estatisticas, e a sua manifestação morbida se reflecte até na descendencia, por meio da hereditariedade. Não se deve e nem se pôde, porém, dar solução ao problema da responsabilidade na embriaguez sem distinguir a sua intensidade e a intenção que actua na consciencia do agente. N'este ponto, pôde ser acceta a solução que geralmente apresentam os Codigos, isto é, attenuando a responsabilidade quando o delicto, resultante de um accidente, não foi querido pelo delinquente, e aggravando-a quando elle procura na accção do alcool um mentivo ou um encorajamento que lhe vivifique as forças para a pratica do crime, que premedita. No estado comatoso ou quando se dá obliteração quasi completa dos sentidos, é nulla a accção da justiça, porque o individuo não é um criminoso, mas um doente que precisa de hospital.

Em face do nosso Codice Penal, tambem ha irresponsabilidade n'este caso (§ 4.º do art. 27). Ainda no § 10 do art. 42, o legislador brasileiro reputa circumstancia attenuante o facto de ter o delinquente com mettido o crime em estado de embriaguez incompleta concorrendo, porém, estas duas condições: não ser a mesma procurada como meio de o animar a perpetrção do crime e não ter o delinquente por costume commetter crimes n'esse estado. O § 4.º do cit. art. 27, onde incluimos a embriaguez no pe-

riodo comatoso, nitidamente analysado por Legrand du Saulle, é taxado de monstro juridico, pois exige uma completa privação de intelligencia e de sentido, possível somente no cadaver.

Os requisitos pedidos pelo § 10 do art. 42 não têm cunho de originalidade; aliás são reproducção do nosso antigo Codigo Criminal de 1830.

HENRIQUE COUTO.

Uma noite de inverno

(A MEU IRMÃO MIGUEL MEIRA)

E' a ponte da Boa-Vista!—o céu fechado!..
Rompem os raios rutilos, frementes,
Da noite os pallios lividos—trementes
Como as ancias de um lubrico noivado!

Tudo sombras, deserto e amortalhado!
Dormem as ruas pavidas, silentes...
Horas got-jam lobregas, dolentes,
Nas voragens immanes do passado!...

Hirtos, feras, em ala os arvoredos
Estertoram-se em tábidos segredos,
E os lumes falam de longinquas magoas...

O vento geme na arcaria... e o rio
Da ponte em baixo, turgido, sombrio
Esfolha o manto das soturnas agoas.

Recife, 11 de Setembro de 97.

AUGUSTO MEIRA.

Visio

(A Paulo Amoral)

Tiene mas de vaporosa sombra
De inefavel vision que de mujer.

ZORRILLA.

Era por uma destas festivas manhãs de primavera.

No oriente o dia erguia-se rumoroso e cheio de sons alegres, mysticos, alados.

Pouco a pouco, um raio de sol, tenue e fluido, colorava suavemente a deslumbrante scena matutina.

Foi quando eu a vi pela primeira vez.

Era uma creança alta, esbelta, cujo rosto angelico parecia ter sido traçado pelo pincel de Apelles.

Os seus olhos erão dotados de um fulgor estranho; os seus cabellos negros cahiam em turbilhão fluente sobre uma mantilha de gaze alvissima. Os seus labios roseos entreabiram-se, — deixando vêr uma enfiada alvissima de perolas, para despedir um riso fresco e encantador. Ella fallava a sua voz me penetrava n'alma como a cavatina de uma orchestra.

Era, com effeito, de uma belleza casta e seductora: era repleta de mimo e graça!

Senti que o coração, febril, ardente pulsava-me dentro do peito desordenadamente!

De então para cá, parece-me que, a cada passo, a cada momento, eu tenho diante de meus olhos uma creança meiga, cuja madeixa negra cae em turbilhão fluente sobre uma mantilha de gaze alvissima!

E eis a razão porque eu busco vel-a sempre nas festivas manhãs, quando no oriente o dia ergue-se rumoroso e cheio de sons alegres, mysticos, alados.

A. LIMA.

Club Polytechnico

Rendendo a homenagem de nossa admissão aos illustres moços da Engenharia que nem arrombo de Santo entusiasmo tiveram a sublime inspiração de vincular seus nomes á historia do desenvolvimento intellectual e material do nosso Estado dotando-o com uma instituição que virá prestar-lhe os mais relevantes serviços, saudamos ao mesmo tempo na heroica tentativa dos intemeratos collegas o alvorecer de uma nova era para a moderna geração das Escolas.

Vergados ao peso dos louros colhidos pelos seus predecessores onas porfiadas pelepas litterarias adormecidos ao som dos hymnos entoados aos triumphos das gerações transactas de vistas volvidas para o passado cujas gloriosas tradições rememoram ungi-dosde piedoso recolhimento, os moços de hoje, pareciam resignados a guardar o legado que o passado lhes transmittira sem se preoccuparem em accrescer o com novas e brilhantes producções, filhas do esforço intellectual perseverante e progressivo e que, attestando aos vindouros a virilidade de nossa epoca servissem de traço de união entre o que já se esconde nas dobras do passado e o que ha de surgir bello e esplendoroso das promessas do futuro.

Aquelles que, pasmos de admiração seguiram, com passo incerto e commovido, os triumphos da mocidade de hontem, cobrindo de applausos e de flores os talentos perigri nos que adejaram nas regiões serenas da Academia, immersos n'uma onda de luz e de glorias, enriquecendo a nossa litteratura com as bellas florações de seu espirito com as obras primas de seu genio, dilatando o horizonte scientifico de sua epoca esses terião de certo o direito de perguntar á mocidade academica de hoje os motivos dessa decadencia intellectual de inquerir si o talento desertou dos bancos escolasticos, se ressequiu a arvore gigantesca que prodizitão bellos fructos.

Imaginemos o horror do vindante que depois de percorrer planicies coberta de verdura, luxuriantes de vegetação, onde a natureza se esmerou em prodigalisar todas as maravilhas de seu thezouro, em ostentar toda a sua pujança depara após horas de encanto e delicias em campo esteril onde só o cardo medra e nada mais irreja, con-

staetando com a fertilidade da primitiva região.

A mocidade de hoje é a depositaria de um enorme thesouro de glorias e o melhor depositario é aquelle sob cuja guarda a fortuna prospera e augmenta em cujas mãos os rendimentos se tornão cada vez maiores.

Dir-se-hia que a moderna geração tomada de torfor, e avassalada pela descrença descurou dos sublimes deveres que sua augusta missão lhe commette.

Agora porém nos arraiaes academicos parece soar o toque de rebate, todos se agitam e aprestão para a luta e cada um corre a occupar o posto de honra que lhe é assignado no combate pela sciencia.

A' inação succede o movimento, á descrença a fé revigorada, o enthusiasmo cheio de estímulos.

Enquanto uns procuram na colligação de esforços, na homogeneidade de vistas, na solidariedade de sentimentos, na identificação dos idéaes, accumular o patrimonio de glorias que lhes coube em partilha, exercitando as intelligencias, consagrando ao estudo dos graves problemas que preoccupam e agitam as sociedades modernas e cuja solução é pedida na paz a força do direito e não na guerra á bocca do canhão; os outros romeiros de uma outra estrada, paladinos de uma outra causa, devorados pela mesma febre, animados pelos mesmos intuitos, impellidos pelos mesmos motores juram bandeira nas legiões do progresso, incorporam-se aos obreiros da civilisação e cheios de coragem e resignação, com a paz na consciencia e a fé no coração, emprehendem uma travessia perigosa e pontuada de provações em que surgir-lhes-hão as difficuldades para retardar-lhes a marcha, os entraves para deter-lhes o passo, o pessimismo de muitos para levar-lhes o desanimo, dispostos a tudo arrostar, a supportar todas as magoas, a superar todos os obstaculos, a ver nas chagas abertas pelas urzes do caminho novos incentivos para a lucha, novas attestados de sua grandeza, novos testemunhos de sua benemerencia.

Uns continuam a obra começada, teu uma recordação a aviventar-lhes o estímulo, vozes a recomendar-lhes o cumprimento do dever.

Os outros começam agora, nada encontram tudo tem a fazer.

Vêm de uma instituição que se pretendeu envolver no desprestigiõ publico, contra a qual se elevou uma campanha de diffamação por ter nascido do cerebro de um monstro num dos seus relampagos de razão tudo tem a esperar de seus esforços, não pedem alento senão a sua propria fé.

N'uma epoca em que o indifferentismo tudo avassala em que o scepticismo sorri desdenhosamente a toda concepção gigantesca; a tudo que não cabe nos estreitos moldes da convenção esses moços ousados e devotados com a audacia dos primeiros sonhos e os devotamentos das primeiras creanças erguem a cabeça e offerecem á contemplação

publica em projecto grandioso e nobre que é uma gloria para o seu autor e um exemplo para os que o admiram.

Elle vem dizer-nos que o enthusiasmo ainda não feneceu, que a lampada da fé ainda não se extinguiu.

Essa cohorte de arrojadados empreendedores, fortes pela intelligencia, potentes pela energia que ensaiam os primeiros passos, que arrojam-se ás primeiras lutas tem de certo o mais justo tituto ao respeito publico.

Elles produzem na esterilidade; elles agem quando tudo é repouso: desbravão um caminho novo.

Comprehendendo que o trabalho tudo pode, que a perseverança a tudo vence, elles constituem uma legião que ha de transitar mais tarde entre as estrepitosas aclamações da opinião quando consumir-se o seu projecto, quando começarem a fructificar os germens que hoje semeão.

Acceitemos pois a mão que elles nos estenuem, abracemo-los na effusão do mais sancto jubilo, traduzamo-lhes a admiração que elles nos despertão, signifiquemo-lhes o enthusiasmo com que acolhemos a sua visita.

Na paschoa do espirito, todos somos irmãos; pertencemos a mesma familia, a familia do porvir.

Trilhando caminhos diversos emborachegamos ao mesmo *desideratum*.

O trem de ferro e a lei são operarios da mesma cauza.

A sciencia tem um só regaço que nos acolherá a todos.

A chamma que nos alimenta é a mesma; os nossos objectivos diversos na apparencia são identicos na realidade.

Benemeritos companheiros avante! O futuro nos pertence e o futuro é a gloria.

Ser moço é ser grande pelo cerebro e pelo coração.

Lutai. O mundo é a energia disse-o um escriptor.

Os reveses deverão estimular-vos, a consciencia da sublimidade da vossa missão deverá illuminar-vos sempre.

Não temais os obstaculos.

Só os fracos recuão ao primeiro escolho; lutar contra a adversidade é o caracteristico dos fortes.

Quanto maiores forem os embarços a transpor tanto mais virentes serão os louros a rebentar em vossas fronteiras, tanto mais esplendorosa será a vossa victoria. *Vaincre sans perils c'est vaincre sans gloire.*

Si por desgraça perecei o vosso batal pejado de esperanza restar-vos-ha o consolo de não terdes ficado inactivo.

Será em todo o caso mais uma nota associada ao concerto harmonioso do Progresso, mais um empreendimento hereuleo na tenda do trabalho.

Do sol immenso não se perde um atomo de luz; da civilisação não se perde um facto por menor que elle se pareça, disse-o orador lusitano.

Que o exito corôe os vossos passos e Deus abençoe os vossos esforços.

Briosos moços da escola de Engenharia do Estado, nós do Congresso Academico saudamo-vos em uma palavra—Avante.

EURICO CHAVES.

Berço vasio

Era luzente o brocado.
Do berço de fios de ouro;
A alvura do cortinado
Velava o infante, o thesouro.

Para elles o alvo lyrio
Redolente, do hymenêo
Era a esperança que em delirio
Os seos affectos prendeo.

Olhavão, riudo, entre as gazas,
De seos anhelos o dono;
Ella, sob as suas azas,
Acarinhava-lhe o somno.

Fogem agora seos passos
Da alcova e do berço ondeante;
E não mais vejo em seos braços
Como outr'ora o lindo infante.

E' vazio o leito brando;
N'elle agora o infante lindo
Não mais desperta, chorando,
Nem adormeece, sorrindo.

AUGUSTO CAVALCANTI.

VENUS

Ouso pintal-a núa inteiramente.
Em sua alcôva linda e silenciosa,
Soltas as tranças descuidosamente
Sobre as pequenas pommas cor de rosa.

Ouso pintal-a assim, perdão! sou poeta,
E os poetas tudo sabem, tudo, quando
Sentem no peito a chamma irrequieta
Do amor que lhes dá vida e os vai matao.

E ao crêl-a núa, núa inteiramente,
Desde a loira cabeça aos pés *mignons*,
Como que n'alma desabridamente
Canta-me um ninho de desejos bons.

Desejos de poeta, alma de pombo,
Que, quando nus labios beija, como eu beijo,
E' como um gato que devora um lombo,
Ou como um pobre que se atira ao queijo.

E nessa bocca, todo mundo sabe-o,
Bocca que importa todo o mal do Hymetto,
Deixe que eu firme o meu pincel, o labio,
Para fechar o quadro... n'um *duetto*.

AUGUSTO ARISTHEU.

Chronica

—Nas sessões de 29 de Agosto e 5 de Setembro os nossos collegas Heitor Castello Branco e Flavio Baptista, leram os seus trabalhos sobre as theses:

A pena de morte é compativel com a civilisação e Qual o fundamento juridico da propriedade.

Discutiram a primeira os nossos collegas Newton Burlamaqui e Rodrigo Costa e a segunda os Srs. Araujo Costa e Rodrigo Costa sendo bastante applaudidos.

—Pela grande affluencia de trabalhos dos nossos bondosos collaboradores deixaram de sahir neste numero os artigos dos nossos collegas de redacção —Paulo Amaral, Newton Burlamaqui, Laudelino Baptista, Rodrigo Costa e do collega Corrêa Lima.

—Ao nosso collega Newton Burlamaqui, uma distincta escriptora da nossa elite social enviou o bellissimo conto *Pelo Espaço* —firmado pelas iniciaes A. F. B. que folgamos em publicar no presente numero do *Congresso Academico*.

Agradecidos pela gentileza da remessa, esperamos a nossa benevola collaboradora continue a honrar as columnas da nossa revista com as suas primorosas joias litterarias.

—O Sr. Pereira da Costa Filho nos enviou o seu opusculo — *O ultimo livro do Dr. Oliveira Lima* collecção de artigos criticos sobre o livro desse eminente brasileiro — *Aspectos da Litteratura colonial Brasileira*.

Agradecemos ao operoso moço a lembrança que teve de nos mimosear com um exemplar do seu livrinho.

—Ficou encarregado de fazer a critica do *Passionario*, cujo autor nos mandou um exemplar, o nosso talentoso collega Gonzaga de Arruda.

—Continuamos a receber a visita das revistas e jornaes:

A Crença, quinzenario dedicado aos interesses catholicos que appareceu a luz da publicidade a 1 de Setembro deste anno no Recife, tem como redactor chefe o Conego João Machado de Mello, cujo talento notavel e primorosa educacão litteraria são um penhor seguro do brilhante futuro reservado *A Crença*; *A Aspiração*, do collegio Militar do Rio, de 31 de Agosto, traz em sua pagina de honra o retrato do bravo general Gomes Carneiro; *Revista Juridica* anno 3.º n. 3 dos alumnos da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio, traz entre outros bellos escriptos um de Sylvio Romero, sobre Tobias Barretto como humorista; *O Trabalho e a Palavra* de Penedo; *O Orbe* de Maceió sob a intelligente direcção do Dr. Francisco Izidoro; a *Imprensa* de Mogimirim; *O Povo*, orgão do Club Lauro Sodré cujo 1.º numero appareceu a 7 de Setembro deste anno; a *Provincia e Jornal do Recife* que têm a gentileza de permutar conosco.